

A NEW LEFT REVIEW E OS DILEMAS DA “NOVA ORDEM MUNDIAL”:

o fim da história, as “revoluções” do Leste europeu
e a Guerra do Golfo

RUBEN MACIEL FRANKLIN*

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a atuação da *New Left Review*, revista esquerdista inglesa, diante dos impasses e conflitos globais que emergiram no processo de desaparecimento da União Soviética. Através da leitura dos temas, isto é, os textos introdutórios de cada edição, bem como do cruzamento de pontos de vistas levantados por seus editores e colaboradores, percorremos a agenda intelectual e os tipos de investigação histórica da revista num período em que os ideólogos de direita haviam anunciado o “fim da história”. Questões como a abertura do Leste europeu, o acirramento da violência étnica em diversas partes do globo e a guerra do Golfo, apareceram como preocupações políticas e de engajamento centrais para o periódico, o qual procurava investigá-las de modo a desenvolver uma contundente crítica ao capitalismo e a política imperial norte-americana.

Palavras-chave: New Left Review – Iraque – Nova Ordem Mundial

ABSTRACT

This article aims to analyze the performance of the *New Left Review*, a leftist English journal, through the global conflicts and dilemmas that emerged in the process of disappearance of the Soviet Union. Through the reading of the themes, the introductory texts of each edition, as well as crossing points of view raised by its editors and contributors, we look for to investigate the intellectual agenda and types of historical research of the magazine at a time when the ideologues of right had announced the “end of history”. Issues such as the opening of Eastern Europe, the intensification of ethnic violence in various parts of the globe and the Gulf war, appeared as political concerns and engagement central to the journal, which sought to investigate them in order to develop a scathing critique to capitalism and U.S. imperial policy.

Keywords: New Left Review – Iraq – New World Order

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: rbnhist@yahoo.com.br

Em sua edição n. 193, lançada em maio-junho de 1992, a *New Left Review* intitulou seu dossiê de “The New World Disorder” (A Nova Desordem Mundial). As citações expostas abaixo abriam a introdução desse número:

In Europe no less than in the United States, there are disturbing signs of a racist involution as *fin de siècle* capitalism becomes mired in its own contradictions and as the official political order loses legitimacy. In Britain the corruption of law enforcement by racism and the spread of intolerable social conditions have also set the scene for outbursts which parallel those in North America.¹

Benedict Anderson's eloquent commentary on the 'New World Disorder' puts in a wider context the problem of minority communities in a world where the economic demand for migrant labour has not been matched by the needed development of a tolerant, open political culture and where there are multiplying dangers of instability and militarism.²

O reconhecimento de uma “nova desordem mundial”³ funcionava como uma inversão/rejeição das teorias de direita que, validando-se na queda do muro de Berlim e no desaparecimento da União Soviética - após a fracassada tentativa de golpe contra Gorbachev em 1991 -, celebraram o triunfo dos Estados Unidos e do capitalismo enaltecendo a inauguração de uma Nova Ordem Mundial: um perceptível progresso econômico, em vias de generalizar-se por todas as regiões do planeta, correspondia, agora, ao encerramento de uma época marcada por agitações, guerras localizadas e ameaça de conflito nuclear. “Following the ‘revolutions of 1989’ there was a widespread belief that a new era of peace was dawning in the world and that democracy was carrying all before it,”⁴ assim, manifestava-se a revista. Tratava-se, na cabeça dos “jornalistas, políticos e ideólogos” entinchados em Washington,⁵ de um estágio no qual a humanidade havia se aproximado, como nunca antes, da perfeição: uma somatória de paz, governo representativo e equilíbrio financeiro.

Os investimentos ideológicos norte-americanos para dissuadir a opinião pública internacional na direção desse triunfo contou, significativamente, com apoio de instituições educacionais, financeiras, intelectuais e dos meios de comunicação de massa. O historiador

1 Themes. The New World Disorder [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 193, p. 1, mai./jun., 1992. Tradução: Na Europa, não menos do que nos Estados Unidos, há sinais preocupantes de uma involução racista tal qual o capitalismo de *fin de siècle* torna-se atolado em suas próprias contradições e tanto quanto a ordem política oficial perde sua legitimidade. Na Grã-Bretanha, a corrupção da lei forçada pelo racismo e o alargamento de condições sociais intoleráveis tem também colocado a cena para explosões que são paralelas as encontradas na América do Norte.

2 Id. *Ibid.*, p. 2. Tradução: O eloquente comentário de Benedict Anderson em a “Nova Desordem Mundial” coloca dentro de um largo contexto o problema das comunidades minoritárias num mundo onde a demanda econômica pelo trabalho imigrante não tem sido marcada pelo necessário desenvolvimento de uma cultura política aberta e tolerante, num contexto onde há multiplicação dos perigos de instabilidade e militarismo.

3 O título do dossiê foi uma apropriação da frase com a qual Benedict Anderson nomeou seu artigo publicada nesta ocasião. Ver: ANDERSON, Benedict. The New World Disorder. In: *Idem*, p. 3 - 13, mai./jun., 1992.

4 Themes. Anatomy of Liberal Militarism [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 185, p. 1, jan./fev., 1991. Tradução: Seguindo as ‘revoluções de 1989’ existia uma difundida crença de que uma nova era de paz estava nascendo no mundo e que a democracia era seu carro-chefe.

5 HOBBSAWM, Eric. The Crisis of Today's Ideologies. In: *New Left Review*, London, n. 192, mar./abr., 1992, p. 58.

catalão Josep Fontana, ao revisar sua obra *História dos Homens*, sublinhou como os programas de TV, jornais, revistas e a literatura exerceram essa função persuasiva acerca dos benefícios do liberalismo econômico e político, exaltando a superioridade do mesmo em comparação ao falido regime comunista soviético, cuja estrutura política e econômica se pautava na violência, na censura e no controle burocrático, típica expressão de regimes ditatoriais e/ou totalitários. ⁶ De fato, tal estereótipo já denotava a ferrenha e não menos censora política dos EUA para com o dito “terror vermelho” pós-1945, se tomarmos o Mccarthismo e outras doutrinas que cercearam e puniram os movimentos de esquerda estadunidenses desde Roosevelt, passando por Nixon, Carter e chegando a Reagan. ⁷ Acerca dos impasses da esquerda advindos com a “Crise de 89” e a “queda do muro”, Fontana era categórico: para ele, a ruína do “socialismo real” servia de ferramenta instrumental para a euforia dos que “se sentiam vencedores”.

Supunha-se que o fato, sozinho, bastava para negar legitimação intelectual a qualquer projeto que tivesse relação não só com o marxismo, mas com qualquer postura que desse apoio à ideia de que era possível uma transformação substancial da sociedade. ⁸

O ataque direcionado as perspectivas totalizantes de interpretação do social, entre as quais a do marxismo, para o autor, advinha das ideologias triunfalistas montadas no que se pretendia como a vitória final do sistema capitalista, sobretudo, a ideia do “fim da história” de Francis Fukuyama e a difusão do relativismo pós-moderno fundados nas elaborações teóricas de Rorty e Lyotard. Além desses, havia também a irrupção do Multiculturalismo, isto é, uma forma de pensamento na qual os movimentos de contestação se restringiam aos próprios paradigmas de igualdade e liberdade desenvolvidas pela lógica do capital.

O historiador marxista Eric Hobsbawm, escrevendo para a *New Left Review* alguns meses antes do lançamento de “The New World Disorder”, se preocupou justamente em atacar o que ele denominou de jogo da soma zero, isto é, uma polaridade binária entre comunismo e capitalismo. Um jogo estabelecido pela *intelligentsia* pró-ocidental no intuito de saudar a chegada do que dizia ser uma inédita etapa histórica, onde a democracia havia prevalecido sobre o totalitarismo e a liberdade (de voto, de expressão, de comunicação e de consumo) tinha sobrepujado a tirania (culto da personalidade stalinista, repressão e assassinatos). Hobsbawm reconhecia nessas assertivas todo um conteúdo retórico saído de Washington e Westminster, o qual focalizava, especialmente, as recentes revoluções do Leste europeu e a subsequente transição dos países que formavam o eixo comunista (Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Alemanha Oriental e Bulgária) para economias de livre mercado. Acerca disto, ele fez a seguinte afirmação:

Western Communism (but not so far, it should be noted, Asian communism) has suddenly and totally collapsed. This has led journalists, politicians and ideologues to play zero-sum games. If communism has lost, then its antagonist,

6 FONTANA, Josep. *História dos Homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

7 HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 187 – 206.

8 FONTANA, Josep. Op. Cit., p. 413 e 414.

capitalism, must have won. If socialist economies have collapsed, then their binary opposite, free-market liberalism, must have triumphed. (...) Playing the game of binary opposites is equally tempting and equally misleading in politics. Nothing seems simpler than to contrast tyranny and freedom, totalitarianism and democracy, and to identify the one with Communism (which has been defeated) and the other with the free market (which has triumphed). This last equation is constantly made by Washington spokesmen who measure the degree of democracy in the former Soviet Union by the degree to which a market economy is functioning in that region.⁹

As demais páginas deste artigo, do qual retiramos o trecho supracitado, são marcadas por uma aguda apreciação por sobre as contradições inerentes ao livre mercado, acusando-o de perpetuar as divisões de classe, a destruição ecológica, os conflitos étnico-raciais e, conseqüentemente, (re)animar a produção bélica. A miséria e exclusão social dos moradores de guetos norte-americanos, a expansão de favelas na América Latina, a corrupção política e o desemprego em massa na Europa, contradiziam, por assim dizer, a noção de um capitalismo triunfante. No tempo em que o mundo assistiu (pela TV, informações selecionadas pela CNN) ao colapso do comunismo ocidental e asiático, devia-se atentar igualmente para uma economia capitalista visivelmente em apuros. A guia de conclusão, o veterano historiador assinalou ainda uma tenebrosa previsão: a humanidade estava caminhando para uma iminente crise geral, econômica e ambiental, que em pouco tempo transformaria todo o planeta em um lugar inabitável.

Deixaremos de lado esse tom apocalíptico da conclusão, entendendo que o mesmo partia de uma cabeça cuja sensibilidade para lidar com o potencial humano de transformação do mundo/ordem não se deixava seduzir pelos “encantos” do liberalismo. Não à toa intitulara seu texto de *A crise das ideologias de hoje*, numa lembrança de que na conjuntura de decadência do “socialismo real”, o liberalismo econômico também se encontrava agonizante, sem recursos para resolver todos os inúmeros problemas internos que explodiam.

Uma pausa para acompanharmos o noticiário da revista nos primeiros anos após colapso do comunismo e alcançamos o seguinte cenário: na cidade de Los Angeles, em abril de 1992, uma multidão tomara as ruas logo depois do veredicto que absolveu os policiais brancos que haviam espancado o motorista negro, Rodney King. Uma combinação de insurreição dos pobres com violência intercomunitária.¹⁰ O “velho continente”, por sua vez, também conhecia suas próprias turbulências, muitas das quais nascidas na “corrupção da lei” e na distância social que esta sustentava entre os brancos e as comunidades étnicas minoritárias: caso dos descendentes afro-caribenhos na Grã-Bretanha, cuja resistência se fazia de encontro a um

9 HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p. 59 e 60. Tradução: Comunismo Ocidental (mas não tão distante, deve ser notado, também o Comunismo Asiático) tem de repente e totalmente entrado em colapso. Isso tem levado jornalistas, políticos e ideólogos a jogar o jogo de soma zero. Se o Comunismo perdeu, em seguida, seu antagonista, o Capitalismo, deve ter vencido. Se as economias socialistas entraram em colapso, então o seu oposto binário, o liberalismo de livre mercado, deve ter triunfado (...) Jogar o jogo de opostos binários é igualmente tentador e igualmente enganador quando se trata de política. Nada parece mais simples do que contrastar a tirania e liberdade, totalitarismo e democracia, e identificar aquele com o comunismo (que foi derrotado) e outro com o mercado livre (que vencerá). Esta última equação é constantemente feita por porta-vozes de Washington que medem o grau de democracia na antiga União Soviética pelo grau em que a economia de mercado está funcionando nesta região.

10 GEORGE, Lynell. Waiting for the Rainbow Sign. In: *New Left Review*, London, n. 193, mai./jun., 1992, p. 75 – 79.

“estado democrático” que amparava distinções e privilégios de gênero e raça.¹¹ No Leste da Europa, onde a “utopia às avessas”¹² terminava de instalar a política neoliberal, em vez de *boom* econômico: “perigos de instabilidade e militarismo”. Nestes termos, uma desordem cunhada na intolerância ao negro e ao imigrante, cuja mão de obra desvalorizada abastecia os principais centros capitalistas.

Importante, além disso, é observarmos de onde partia o jogo da soma zero que tanto incomodava o(s) historiador(es) marxistas: eram os “porta-vozes de Washington”, isto é, “jornalistas, políticos e ideólogos” que insistiam em calcular o nível de liberdade pela régua da economia de mercado. Neste ponto, Hobsbawm nos indicava um nome em particular que, no âmbito da *New Left Review* (pelos menos nos anos 1990), seria alvo de muitas controvérsias: tratava-se do cientista político nipo-estadunidense Francis Fukuyama.

Em determinado trecho de *A crise das ideologias de hoje*, podemos sentir o gosto de nos confrontarmos com a “notória tese” de Fukuyama. O texto diz assim: “(...) o fim do comunismo era “o fim da história”, porque tinha trazido o triunfo final global da democracia liberal”.¹³ Hobsbawm não oscila em avaliar que tal especulação sobre o “fim da história” se alimentava de um argumento teológico e abstrato, herdeira diretamente da filosofia da história hegeliana, ou seja, do forçado domínio das ideias sobre o mundo material e sua resultante mais famosa, a ideia de que o estado democrático de direitos representava a mais superior forma de ideologia já existente na humanidade.

Mas, não podemos esquecer que essa leitura em especial estava circunscrita na NLR, e que, portanto, traduzia expectativas e preocupações da mesma. Os eventos de 1989-91 haviam impactado arduamente a revista esquerdista, de cuja atuação ainda ecoava a crítica cultural e revolucionária da Nova Esquerda inglesa dos anos 1950-60. O fim da Guerra Fria, ao eliminar não apenas o comunismo como sistema opositor do capitalismo, como também maculando o marxismo enquanto ideologia e teoria social, foi traduzido por F. Fukuyama (e, por extensão, por muitos ideólogos da direita conservadora ocidental) como a prova inelével de que o conflito entre ideologias rivais – que havia funcionado como motor da história universal (capitalismo x fascismo/ capitalismo x comunismo) – chegara ao fim com o “triunfo final global da democracia liberal”. Essa questão, no seu âmbito mais geral, era até bastante simples: na ausência de adversários concretos, a democracia liberal poderia ser saudada e definida como o próprio Fukuyama acentuara em seu primeiro artigo sobre o tema, datado de 1989: o “último estágio de evolução ideológica da humanidade” e/ou a derradeira forma de governo humano.¹⁴

O intempestivo artigo de Hobsbawm nos traz alguns indícios de como o corpo intelectual da NLR se organizou no intuito de levantar respostas que fossem no contramão do triunfalismo ocidental. A desorganização econômica e as contradições sociais geridas no e pelo capital, sem dúvida, eram elementos significativos para desmontar a trama do “fim da história”. Entretanto, nas páginas do periódico corriam múltiplas visões do mundo e, conseqüentemente, diferentes interpretações acerca dos significados da queda do muro de Berlim. As conclusões de Duncan Thompson - um estudioso da NLR -, acerca da atuação do periódico após 1989-91, nos ajudam a melhor compreendermos como essas muitas reações repercutiam diretamente os elos/engajamentos do corpo editorial para com os movimentos de uma “nova ordem” ainda

11 WINSTON, James. Migration, Racism and Identity: The Caribbean Experience in Britain. In: Idem, mai./jun., 1992, p. 15 – 55.

12 BOBBIO, Norberto. The Upturned Utopia. In: *New Left Review*, London, n. 177, set./out., 1989, p. 38.

13 HOBBSAWM, Eric. Op. Cit., p. 60.

14 FUKUYAMA, Francis. The End of The History? In: *The National Interest*, Summer 1989. Fonte: <http://www.wesjones.com/eoh.htm>

enredada na exploração e na violência de conflitos emergentes. Para o historiador, a queda dos regimes comunistas do Leste europeu, longe de ter funcionado como um estímulo à renovação do socialismo, consistira num momento extremamente desfavorável de retração e acanhamento da esquerda.

What would distinguish the *Review* after the ‘fall’ of 1989-91, with geo-political and ideological triumph of the West being accompanied by the on-going neo-liberal transformation of global capitalism, was not apostasy – endorsement of neo-liberal ‘realism’ and US-led imperialism – but pessimism in the prospects of any alternative to the rule of capital.¹⁵

Ao ratificar o pessimismo como marca da revista, acentuando uma espécie de ruptura provocada pela falência do comunismo, o autor denotava a sensibilidade da mesma para com as novas circunstâncias globais. Por outro lado, não veio a explorar todas as dissidências e fraturas possíveis de serem entretecidas no íterim do conselho editorial, bem como entre seus colaboradores. Generalizou, assim, a forma pela qual o “jornal político” se posicionou nesse período de derrota: pessimista. Não é nosso interesse primeiro levantar uma discussão sobre o potencial revolucionário da NLR após 1989; mas, em vias do que já foi exposto de suas páginas até aqui, das críticas à ideologia norte-americana a exposição da instabilidade global, procuramos erguer uma linha de argumentação onde fique visível a existência e consistência de um projeto político contra-hegemônico mais amplo da revista, tendo em vista um *environment* de redefinição e revisão no qual o pensamento de esquerda se processava.

Certamente, os abalos de 1989 se mantiveram corporificados na *Review*, o que fez de sua criação intelectual um conjunto de percepções e avaliações amplo, diversificado e multifacetado, onde se delineavam divergentes perspectivas de esquerda. Pensamos, então, em analisar tal característica dentro do que o historiador francês Jean-François Sirinelli denominou de “microcosmos intelectuais”, visto que:

As revistas conferem uma estrutura de campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise dos movimentos das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão.¹⁶

Esse enfoque nos coloca diante das afinidades e discordâncias construídas entre os intelectuais, editores e colaboradores, da NLR. Com isso, nossos questionamentos partem da influência exercida pelas relações de sociabilidade na confecção de seus dossiês e nas

15 THOMPSON, Duncan. *Pessimism of the intellect? A history of New Left Review*. Merlin Press, 2007, p. 151., p. 152. Tradução: O que distinguiria a *Review* depois da queda de 1989-91, com o triunfo ideológico e geopolítico do Ocidente começando acompanhar o início da transformação neoliberal do capitalismo global, não foi uma apostasia – aprovação do realismo neoliberal e do imperialismo americano – mas um pessimismo quanto às projeções de qualquer alternativa para as regras do capital.

16 SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 249.

tessituras do seu conteúdo teórico-analítico. Duncan Thompson recaíra sobre tal aspecto; ao traçar o perfil dos diálogos protagonizados pela *Review* imediatamente após a queda do comunismo, o desacordo matizado entre E. P. Thompson e Fred Halliday quanto ao futuro do Ocidente Pós-Guerra Fria imediatamente chamou a sua atenção: o primeiro, acreditando que uma transformação socialista ainda era possível; já o segundo, respondendo a este com notável “triunfo” do capitalismo.¹⁷

Dito isto, e focando no objetivo do presente ensaio, resta-nos perguntar: quais foram os caminhos, as escolhas e os tipos de argumentos construídos pela NLR, enquanto um “intelectual coletivo”, em relação à máxima tese de Fukuyama de que a história teria chegado ao seu final? Questões desse tipo requerem um maior aprofundamento nos artigos e dossiês lançados pela mesma, o que não caberia para este espaço; embora algumas das avaliações feitas por Eric Hobsbawm, as quais foram apresentadas há pouco, tenham começado a respondê-las: NLR como *locus* de resistência crítica e de atividade intelectual criativa e balizada no materialismo histórico. Por isso, optamos aqui por nos debruçarmos de forma mais específica sobre os seus *themes*, ou seja, os textos introdutórios de cada edição bimensal, entendendo que estes trazem uma visão mais grupal do seu comitê editorial (como que escrito por muitas mãos), proporcionando-nos chegar aos tipos de conclusões, inquietações e previsões deste ao ter que interpretar os acontecimentos de 1989 – e o dilema do fim da história - no “calor da hora”.

Antes de tudo, salientamos que a NLR se encontrou com Fukuyama em dois momentos distintos, mas entrelaçados. O primeiro foi no verão de 1989, quando esse *spokeman* do *american way of life* publicou seu artigo, de título bastante polêmico, *The End of The History* (O fim da História), pela revista *The National Interest*. Na ocasião, o mesmo asseverava que “O triunfo do Oeste, da ideia ocidental fica evidente antes de tudo na total exaustão de alternativas sistemáticas viáveis para o liberalismo ocidental”.¹⁸ Era de se esperar que tal evidência, a qual fora divulgada antes mesmo dos eventos que varreriam o comunismo da Europa, escandalizaria qualquer crítico esquerdista ou mesmo levaria direitistas a uma zombaria cínica; mas, por uma ironia daquelas poucas vezes testemunhadas na história, a mesma se mostrou profética: menos de um ano depois o muro já havia caído sob os aplausos da comunidade - financeira - internacional e o duplo programa *Glasnost/Perestroika* não apenas se mostrara falho em solucionar os déficits soviéticos, como estava amortecendo a iminente dissolução do sistema.

As palavras ulteriores de Fukuyama, quando observadas após todo esse turbilhão de acontecimentos, começariam a suscitar toda uma atenção da mídia,¹⁹ gerando também um significativo interesse intelectual e político por parte dos membros da NLR. Dizia ele: “O que nós estamos testemunhando não é somente o fim da Guerra Fria, ou a passagem de um particular período da história do pós-guerra, mas o fim da história como tal.”²⁰ Para o autor, isso significava a perceptível “universalização da democracia liberal ocidental”, da qual o alastrado consumerismo dos aparelhos de TV, do rock *music* e dos hábitos alimentares ocidentais na China, Japão, Leste da Europa, chegando ao Oriente, era um indício que falava por si mesmo.

17 THOMPSON, Duncan. Op. Cit., p. 149. Tratam-se dos textos publicados na edição da NLR de julho - agosto de 1990. E. P. Thompson publicara o artigo denominado “The Ends of Cold War” (O Fim da Guerra Fria), enquanto Fred Halliday escrevia “A Reply to Edward Thompson”. (Uma Resposta para Edward Thompson).

18 FUKUYAMA, Francis. Op. Cit.

19 FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru, SP: EDUSC, 1998, p. 17 e 18.

20 FUKUYAMA, Francis. Op. Cit.

Embora as afirmações de Fukuyama, de certa forma, prenunciassem o fenecimento do conflito capitalismo *versus* comunismo, o fazia sustentando-se sobre certas tendências observáveis de esgotamento político-econômico do governo soviético. É muito mais provável que as reações intelectuais ao fim da Guerra Fria estivessem mais afinadas com um primeiro momento de perplexidade, para tão somente assumir a forma de uma reação crítica. A *New Left Review* não esperava uma reviravolta global a essa velocidade, tanto que ao se levantarem os primeiros protestos para a abertura do Leste europeu e de reformas no interior da Rússia, ainda insistia na possibilidade de reerguimento de um programa socialista. O editorial de novembro-dezembro de 1989 era incisivo ao postular que “as chances de um resultado socialista no Leste podem ser curtas, mas se a transição para a democracia for consolidada, então, no mínimo condições mais vantajosas para o desenvolvimento de uma resposta anticapitalista poderão ser criadas.”²¹ Por outro lado, nutria todo um receio de que o mundo comunista se dissolvesse por uma solução que fosse manipulada – na adição do livre mercado e da livre concorrência – e oferecida pelo Ocidente. Tal temor se mostraria justificável, e ao entrar o ano de 1990 o dossiê denominado “Berlim, Praga, Moscow”, como que convocando a esquerda a olhar mais atentamente para as capitais onde se resolviam o futuro do planeta, lançava mão dessa fagulha de esperança: os créditos bancários e a ajuda financeira norte-americana transformavam os antigos países comunistas numa espécie de despojo capitalista, a palavra de ordem era a privatização neoliberal.

Parecia que a “universalização da democracia liberal” tinha saído do campo das ideias e alcançado pronta realização. Entretanto, a leitura que a revista procurou desenvolver, sobretudo, entre 1989 e 1992 – ano em que Fukuyama lançou seu livro *O Fim da História e o Último Homem* e que consideramos como o segundo momento em que ele se encontrou com a NLR – não vai ao encontro de um progresso material generalizado ou de uma época de fleuma e equilíbrio mundial, como requeria a cartilha da Nova Ordem Mundial. Muito pelo contrário, as interferências e inflexões entre as transformações globais e as análises que os intelectuais – editores e colaboradores – faziam das mesmas, começaram a abrir lesões significativas na ideia de que a história teria chegado ao seu destino final, criando, por conseguinte, um ambiente de dissensão e desacordo que trabalhava para o constrangimento e invalidação desta tese proclamada por Fukuyama.

No começo de 1991, o grupo editorial aparecia implacável com a agenda político-militar estadunidense, traduzindo sua ofensiva contra o Iraque de Saddam Hussein como expressão máxima de uma engenharia técnico-bélica que funcionava como um *continuum* da corrida armamentista dos anos 1970-80. Concordava, pelo menos em parte, com o parecer sugerido por David Edgerton, de que o mundo estava lidando agora com a reefervescência do “militarismo liberal”. A chamada para a edição de janeiro-fevereiro de 1991, “Anatomia do Militarismo Liberal”, foi conduzida nessa direção. As novas investidas norte-americanas e britânicas sobre o Oriente Médio – na guerra do Golfo – profanavam a crença na qual uma “nova era de paz”, tendo a democracia como o seu carro-chefe, estava raiando sobre o mundo. Dizia a NLR: “The West is using Communist weakness to inaugurate a ‘new world order’ with the largest bombing onslaught since the Vietnam War”, (...), and a finely calculated decision to expose the fragile ecology of the Gulf to the pyrotechnics of modern warfare.”²² A “Pax Technologica”, prosseguia o editorial, lançava mão dos armamentos e dos meios de comunicação modernos

21 Themes. Defending Enlightenment [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 178, nov./dez., 1989, p. 2

22 Themes. Anatomy of Liberal Militarism (Editorial). In: *New Left Review*, n. 185, p. 1, jan./fev., 1991. O Oeste está usando a fraqueza do comunismo para inaugurar uma ‘nova ordem mundial’ com o bombardeio mais largo desde a guerra do Vietnã, (...), e uma decisão friamente calculada para expor a frágil ecologia do Golfo em relação às pirotecnias da guerra moderna.

para intimidar seus opositores e, sempre que necessário, aniquilar o “sistema de suporte de vida do inimigo”.

Robert Brenner, aproveitando a ocasião, levantou uma pergunta bastante incômoda para esse tempo: “Por que os Estados Unidos estão em Guerra com o Iraque?”²³ A resposta oficial e, para ele, ao mesmo tempo ilusória, poderia ser visualizada na retórica dos gabinetes administrativos de Bush: os EUA estavam indo a guerra porque Saddam Hussein era um tirano implacável, o principal responsável pela injusta e ilegal invasão do Kuwait. O que estava em jogo era, senão, “(...) a new world order - where diverse nations are drawn together in common cause to achieve the universal aspirations of mankind: peace and security, freedom and the rule of law (...)”²⁴ (grifo nosso) O anticapitalismo dos editores desconfiava de uma “nova ordem” pela qual a conquista da paz, da segurança e da liberdade deveria, necessariamente, incluir uma guerra como seu ponto de partida. Era imperativa, nesse sentido, uma investigação histórica a fim de compreenderem as motivações político-econômicas que faziam do Iraque o centro desta nova investida militar. Por quatro edições consecutivas, entre novembro de 1990 e agosto de 1991, pelo menos um artigo relacionado ao tema “guerra do Golfo”²⁵ dividiu a atenção editorial para com aquelas questões que, urdidas no e do colapso/utopia às avessas de 89, ainda figuravam como os tópicos centrais de enredo jornalístico: os “problemas de identidade da Europa”,²⁶ a abertura do Leste e a “anatomia do militarismo liberal”.²⁷

“The Anglo-American drive to war in the Gulf took place against a background of recession and inflation (...)”.²⁸ (grifo nosso) Com essas duas palavras, o editorial elucidava uma conjuntura que contradizia qualquer “aspiração universal da humanidade”. Recessão e a inflação explicavam mesmo que as grandes potências de maneira nenhuma estavam unidas, ou sequer nutriam em conjunto qualquer projeto de redenção. Bush e Thatcher enfrentavam sérias dificuldades financeiras devido aos muitos gastos operacionais, militares e ideológicos do período de Guerra Fria; somava-se a isso a velocidade pela qual a Alemanha se unificara, figurando como uma concorrente em potencial no mercado globalizado. Ambos os líderes, continuaria a *Review*, estavam ansiosos para retomar as “rédeas” da economia mundial e uma “victory over Saddam Hussein would, it was hoped, have an exemplary quality, confirming US world leadership.” Por sobre isso, “Washington seeks to demonstrate that its swollen military establishment is the big stick needed to police the ‘new world order’ - in this case, to keep oil prices low.”²⁹ (grifo nosso) Preços baixos que pouco fariam para as economias dos EUA e da

23 BRENNER, Robert. Why is the United States at war with Iraq? In: *New Left Review*, London, n. 185, p. 122 - 137, jan./fev., 1991.

24 Id. *Ibid.*, p. 122. Tradução: uma nova ordem mundial - onde diversas nações se unem com um propósito comum para realizar as aspirações universais da humanidade: paz e segurança, liberdade e o Estado de Direitos.

25 Na edição n. 184 (nov./dez., 1990), Fred Halliday publicou o artigo “The Crisis of the Arab World: The False Answers of Saddam Hussein”; já em jan./fev., de 1991, Robert Brenner convocou a crítica intelectual a responder “Why is the United States at war with Iraq?”; na edição seguinte, n. 186, de mar./abr., de 1991, Christopher Hitchens começava a elucidar qual era a “Realpolitik in the Gulf”; ao passo que o dossiê subsequente, “Power Politics Today”, de mai./jun., de 1991, trazia outros dois artigos animados na relação entre fracasso/coerção da economia liberal, imperialismo e conflito do Golfo: sendo um de Peter Gowan, “The Gulf War, Iraq and Western Liberalism”, e o outro de Jon Wiener, denominado: “Domestic Political Incentives for the Gulf War”. É desta seleção, disposição e foco analítico, que podemos falar de posicionamentos mais centrais assumidos pela NLR, tendo em vista que o conteúdo destes textos era, certamente, compartilhado e difundido entre seus muitos autores, criando uma situação na qual a construção, o debate e o desenvolvimento de ideias atidas aos eventos contemporâneos/história do presente transitavam por uma extensa rede de sociabilidade constantemente forjada no interior do circuito editorial.

26 Themes. Europe's identity Problems [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 186, mar./abr., 1991.

27 Themes. Anatomy of Liberal Militarism [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 185, jan./fev., 1991.

28 Themes. Anatomy of Liberal Militarism [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 185, p. 2, jan./fev., 1991. Tradução: a direção Inglesa e Americana para a Guerra no Golfo aconteceu contra um contexto de recessão e inflação.

29 Idem. Tradução: a vitória sobre Saddam Hussein, isto era esperado, teria uma qualidade exemplar, confirmando a liderança mundial dos EUA. (...) Washington procura demonstrar que seu volumoso estabelecimento

Grã-Bretanha, senão apenas encorajá-las a manter um irresponsável desperdício de energia.

O capitalismo, transitando nas páginas da NLR como um amálgama de destruição ecológica, desigualdades sociais e involução racista, era capaz de tornar o planeta inabitável por estar terminantemente ligado ao “militarismo”. O gêmeo capitalismo-militarismo, nas palavras de Robin Blackburn,³⁰ já havia feito sua incursão ao Leste europeu, fornecendo tanto o maquinário responsável pela opressão das minorias e a “limpeza étnica” quanto os mecanismos para uma rápida privatização das empresas e dissolução dos bens culturais locais. Em meados de 1990, observado o encontro entre Ocidente e Leste europeu, os editores viriam a saudar ironicamente o que denominaram de “a diplomacia de coerção”³¹ ocidental. O diagnóstico faria estremecer qualquer partidário mais entusiasta de Fukuyama. O texto noticiava que:

Their requests for membership of the European Community have been rebuffed, and Brussels has offered only highly selective and quite temporary alleviation of the commercial exclusions and restrictions they face. A formidable machinery of economic coercion is instead being deployed to oblige them to privatize more rapidly, to raise prices more stiffly and to end the economic life-support system of the institutions of civil society. Newspapers and publishing houses are closing (...) Under remorseless pressure from the international financial community, theatre groups and research institutes are being dispersed, welfare commitments scrapped and historic assets sold for a pittance, sometimes to former members of the nomenklatura. (...) The peoples of Eastern Europe, recently so hopeful, seem now condemned to a capitalist purgatory, or limbo.³² (grifo nosso)

A Nova Ordem Mundial ia, então, adquirindo suas características: guerra para o controle do petróleo, dizimação do inimigo “não ocidental”, violência étnico-racial e controle populacional e comercial do Leste europeu. Uma coerção desse tipo só poderia gerar um agravamento na condição já miserável em que vivia a população local, intensificando ódios, ressentimentos e animosidades que por muito tempo ficaram escondidas à sombra da cortina de ferro de

militar é uma grande bastão para policiar a “nova ordem mundial” – neste caso, para manter o preço do petróleo baixo.

30 BLACKBURN, Robin. Novas Reflexões Sobre o Colapso do Comunismo. In: SADER, Emir (Org.). *O Mundo Depois da Queda*. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 7 e 10.

31 Themes. Diplomacies of Coercion [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 182, jul./ago., 1990, p. 1 e 2.

32 Themes. Diplomacies of Coercion [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 182, jul./ago., 1990, p. 1 e 2. Tradução: Seus pedidos de adesão à Comunidade Europeia foram repelidos, e Bruxelas ofereceu somente alívio altamente seletivo e bastante temporário para as restrições comerciais e exclusões que enfrentam. Uma grande máquina de coerção econômica está sendo implantada para obrigá-los a privatizar mais rapidamente, para aumentar os preços mais rigidamente e para acabar com o sistema de suporte de vida econômica das instituições da sociedade civil. Jornais e editoras estão sendo fechados (...) Sob pressão da Comunidade Financeira Internacional, grupos de teatro e institutos de pesquisa estão sendo dispersados, compromissos de bem-estar desfeitos e o patrimônio histórico vendido por uma ninharia, por vezes, para antigos membros da *nomenklatura*. (...) Os povos da Europa Oriental, recentemente tão esperançosos, parecem agora condenados a um purgatório capitalista, ou limbo.

Stálin: “In recent celebration of the ‘free market’ it has often been forgotten that market forces can batten upon and intensify already-existing communal differences and divisions.” Um exemplo significativo de tal intensificação, assegurava a NLR, “(...) can be found than the construction and consolidation of systems of racial difference in the Americas in the modern epoch.”³³ O limbo capitalista era, senão, a estagnação/estrangulação econômica, aumento da criminalidade, da mortalidade e do desemprego. O preço a ser pago pelo abrandamento das restrições comerciais, por fim, se revelava muito alto: dependência econômica e a destruição contínua das instituições da sociedade civil. Militarismo, pressões da comunidade financeira internacional e autoritarismo ocidental constituíam o esteio das manifestações populares e do nacionalismo que, em breve, levariam a uma verdadeira “limpeza étnica” na **Bósnia. Mas não só, a intervenção militar no Golfo vinha acompanhada de outras ações também enérgicas de Washington, no intuito de fazer da “nova ordem” a justificativa para sua hegemonia. Por isso, “The United States itself has, of course, recently invaded Panama and Grenada and bombed Libya, while abetting Israeli incursions and annexations.”**³⁴

Não demoraria muito para que os editores da NLR reconhecessem na força dessas intervenções militares, no desrespeito anglo-americano as resoluções diplomáticas da ONU, nos assassinatos em larga escala e no controle político das regiões afetadas, a continuidade de uma política imperial transvestida de democracia e direitos humanos. O novo **equilíbrio global, cuja instituição requeria a contenção/eliminação dos focos de conflitos e de violência racial, no entanto, era um contraditório de xenofobia, bombardeios e multiplicação de confrontos armados.** Se o 89 afetou a capacidade da *Review* em explorar as possibilidades de sociedade pós-capitalista, como salientou Duncan Thompson; o mesmo não pode ser dito em relação a sua capacidade de investigação do todo social e resistência ao modelo (último) de sociedade oferecido por Reagan, Bush e Thatcher. O olhar clínico da revista expunha aos olhos da esquerda socialista que a luta não havia terminado. Mais que isso, essa luta devia desarticular a retórica da “nova ordem”, deixando claro quais eram as reais intenções do projeto imperial norte-americano e quais seus resultados para os países periféricos que relutassem em aceitar sua tutela. A condenação retórica das ações “totalitárias” do Iraque, seguida de uma intervenção militar maciça na região demonstrava a disposição política agressiva e unilateral que assegurava nas mãos de Bush o “big stick” de policiamento desse mundo “de lei e ordem” recém-inaugurado. O editorial de novembro-dezembro de 1990 concluía que “(...) Washington and London find unacceptable the prospect of persisting with peaceful sanctions. The size of the expeditionary forces shows that they were never intended for any purely defensive purpose.”³⁵ E o alarme para com o tamanho dessa força expedicionária tinha sua razão. Os EUA estavam mantendo a lógica de combate que prevalecera pós-1945, garantindo a prevalência de seus interesses imediatos por meio da superioridade e da intervenção militar. Quanto a *Review*, essa lógica tinha um nome, “militarismo liberal”, isto é,

(...) a distinctive fusion of economics and warfare, of technology and globalism, with the ‘new imperialism’ recycling the synoptic-warfare delusion of the ‘old

33 Themes. Soviet Class Struggles [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 181, mai./jun., 1990, p. 1. Tradução: Na recente celebração do “mercado livre”, tem sido muitas vezes esquecido que as forças de mercado podem pressionar e intensificar as já existentes diferenças e divisões comunais. (...) pode ser encontrada do que a construção e consolidação dos sistemas de diferença racial nas Américas na época moderna.

34 Themes. The Revenge of the Past [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 184, nov./dez., 1990, p. 1. Tradução: Os Estados Unidos tem por si, é lógico, recentemente, invadido Panamá e Granada e bombardeado a Líbia, enquanto mantêm complicitude com anexações e incursões de Israel.

35 Themes. The Revenge of the Past [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 184, nov./dez., 1990, p. 2. Tradução: Washington e Londres acham inaceitável a perspectiva de persistir com as sanções de paz. O tamanho da força expedicionária mostra que eles nunca estiveram destinados a qualquer proposta puramente defensiva.

colonialism'. The British and the Americans have been prepared to trample lesser breeds under foot and wade through enemy blood proclaiming the rights of small nations, perpetual peace, and the liberty of the individual.
 36 (grifo nosso)

E os resultados atingidos no que antes era a nação que Saddam imaginava contrapor ao Ocidente foram, aos olhos dessa intelectualidade, muitos desastrosos. Um misto de estrangulação econômica e dizimação popular atingiu o Iraque de forma que não era nenhum exagero afirmar que os soldados americanos tripudiavam, literalmente, “através do sangue do inimigo”. O crítico literário palestino Edward Said, inscrevendo-se nessa querela aberta por Brenner, Edgerton e Gowan, analisou justamente a “retórica do poder” que convencia a opinião pública internacional de que o derramamento de sangue e o esmagamento dessas ditaduras do Terceiro Mundo eram os meios (ou males) necessários para assegurar os “direitos das pequenas nações e a paz perpetua”.³⁷ Said encontrava tal retórica no conteúdo de calculados e seletivos discursos jornalísticos (oriundos da *CNN*, *New York Times* e *Foreign Affairs*) e do presidente Bush que, no geral, ofereciam o álibi para a dúvida do “Por que os EUA estão em guerra com o Iraque?”. O envio de milhares de combatentes ao Golfo emergiu, nestes veículos, como a nova cruzada pela liberdade e em defesa da democracia ocidental. A “excepcionalidade” dos americanos, concebendo-os como os “conquistadores, aventureiros e os pioneiros” a levantarem a bandeira da igualdade e dos direitos humanos - alusão a Guerra de Independência do século XVIII -, respaldava a Nação para a mais ética e virtuosa tarefa: salvaguardar os valores do liberalismo econômico e político contra a expansão das violentas e sanguinárias ditaduras situadas no Oriente Médio, cujo fundamentalismo religioso ainda envilecia o perigo da barbárie e do terrorismo.

E os editoriais da NLR que se seguiram ao “Tempestade no Deserto” cuidaram de atentar para a força de tais discursos, provocando-os com aguçada ironia e denominando-os de “idealísticas justificações”; sendo assim, o suporte popular para a guerra do Golfo “was won by weaving a narrative which promised that defeat for Saddam Hussein would lead to the triumph of human rights and democracy.”(grifo nosso) No entanto, “(...) in the event, states’ rights prevailed over human rights, and only the freedom of those riding the chariot wheels of the Western way of life was allowed to triumph.”³⁸ Direitos humanos e democracia eram duas regalias que pequenas nações revoltosas ou fora do controle imperial estadunidense não alcançariam. Por outro lado, a narrativa que prometia a hipótese contrária, massageando

36 Themes. Anatomy of Liberal Militarism [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 185, jan./fev., 1991, p. 2. Tradução: uma fusão distintivo da economia e guerra, de tecnologia e da globalização, com o “novo imperialismo” reciclando a desilusão com a guerra-sinóptica do “velho colonialismo”. Os britânicos e os americanos estão preparados para pisotear as raças menores e vadear através do sangue inimigo proclamando os direitos das pequenas nações, a paz perpétua, e a liberdade do indivíduo.

37 SAID, Edward. Livre da Dominação do Futuro. In: *Imperialismo e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1993], p. 432 – 510. Dizemos que E. Said estava inscrito nessa polêmica porque o “mesmo era um colaborador assíduo da *Review*, tendo contribuído com pelo menos três artigos entre fins de 1988 e primeiros meses de 1990. Não é exagero afirmarmos que suas interpretações acerca dos discursos de Washington a favor da guerra do Golfo, publicadas inicialmente em 1993, tenham recebido influências decisivas de autores como Robert Brenner, Peter Gowan, Jon Wiener, entre outros, que a essa época se dedicavam justamente em compreender as relações entre fim da Guerra Fria, nova ordem mundial e crise do Golfo.

38 Themes. Power Politics Today [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 187, mai./jun., 1991, p. 1. Tradução: Foi conquistado pela tecelagem de uma narrativa que prometia que a derrota de Saddam Hussein levaria ao triunfo dos direitos humanos e da democracia. (...). No caso, os direitos dos estados prevaleceu sobre os direitos humanos, e somente a liberdade dos que estavam montando as rodas da carruagem do modo de vida ocidental foi autorizado a triunfo.

o ego dos mais novos seguidores de Fukuyama e partidários da “nova ordem”, também comprometia os discursos públicos de Bush, os quais, numa síntese editorial sobre o artigo de Peter Gowan publicado em maio-junho de 1991, “(...) can be relied on for an elevated discourse that plays down US imperial interests or the oil factor.”³⁹ A NLR tinha finalmente chegado a uma conclusão acerca dos intelectuais que haviam se rendido ao programa ideológico de Washington, ao sublinhar que “(...) a think-tank strategist who argued for a course of action in the Gulf simply on the grounds that it would promote democracy or popular welfare would be regarded as soft in the head.”⁴⁰

Os iraquianos se tornaram os alvos de ataques militares e abusos racistas em nome da liberdade individual e da esperança democrática. Somente um estrategista “fraco da cabeça” permaneceria defendendo que a guerra de extermínio e controle populacional lançada por ingleses e norte-americanos possuía intenções promocionais e a favor da sociedade civil oprimida por Saddam Hussein; cegos ou faziam questão de ignorar que:

The allied war-damage assessment released in Riyadh estimates that one hundred thousand Iraqis were killed. A UN health mission has confirmed that Iraq's civil infrastructure has been comprehensively wrecked, imposing terrible privation and creating the conditions for ravaging epidemics. Kuwait and the wider Gulf region have suffered an unprecedented ecological calamity, and the majority of Kuwait's former residents now find themselves the targets of attacks and abuse; partisans of the ruling family have eliminated leading members of the democratic opposition. But meanwhile business flourishes and plump American vultures elbow aside the more mangy British and Egyptian contractors. Saddam Hussein's brutal invasion and occupation of Kuwait did justify international action, but not this horrendous slaughter nor the return of the country to 'royal rowdies' whose conduct is reminiscent of the defeated occupation. (...) While the allies broadened their war aims to encompass the destruction of Iraq's water and sewage systems, they narrowed them to exclude concern for the democratic opposition in either Kuwait or Iraq.⁴¹

39 Idem. Tradução: podem ser invocados para um elevado discurso que subestima os interesses imperiais dos EUA imperial e o fator de petróleo.

40 Idem. Tradução: (...) um estrategista que argumentasse para um curso de ação no Golfo simplesmente por motivos que iriam promover a democracia ou o bem-estar popular poderia ser considerado como fraco da cabeça.

41 Themes. Europe's Identity Problems [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 186, mar./abr., 1991, p. 1. Tradução: A avaliação dos aliados guerra-danos lançada em *Riyadh* estima que cem mil iraquianos foram mortos. Uma missão de saúde das Nações Unidas confirmou que infraestrutura civil do Iraque fora amplamente destruída, impondo terríveis privações e criando as condições para o aumento de epidemias. Kuwait e larga parte da região do Golfo têm sofrido uma calamidade ecológica sem precedentes, e a maioria dos antigos moradores do Kuwait agora se encontra como alvos de ataques e abusos, os defensores da família governante, por sua vez, têm eliminado os principais membros da oposição democrática. Mas, enquanto isso, os negócios florescem e engordam o cotovelo dos abutres americanos de lado aos contratantes britânicos e egípcios mais sarnentos. A invasão e ocupação brutal do Kuwait por Saddam Hussein fez justificar a ação internacional, mas não este horrendo ataque nem o retorno do país para a mão de «desordeiros reais», cuja conduta é remanescente da ocupação derrotada. (...) Enquanto os aliados ampliaram seus objetivos de guerra para abranger a destruição dos sistemas de água e esgoto do Iraque, eles estreitaram os mesmos para excluir a preocupação para a oposição democrática tanto no Iraque quanto no Kuwait.

O impacto da ação missionária e pacificadora internacional era, numa avaliação última dos editores, controvertido pela morte de cem mil iraquianos. A Nova Ordem Mundial se tornava o sinônimo da hipocrisia de Washington, que utilizava a ocupação do Kuwait como o álibi para iniciar sua pesada intervenção e conservar seus vultosos contratos de petróleo na região. A essa ocupação anunciada como humanitária pelos porta-vozes de Washington, seguiu-se a ruína da infraestrutura civil, privações de todos os tipos – alimentares, de hospitais e direitos – e surto de epidemias. Não é que exista, nesses comentários, a cega defesa de um governo iraquiano vitimado. Os planos de Saddam Hussein para o Kuwait são plenamente entendidos como atos de “ocupação e invasão brutal”. A *Review* reconhecia que o regime existente no Iraque era extensivamente violento e excludente, tanto que nos meses de acirramento do conflito era capaz de afirmar que “Saddam Hussein’s action was wrong in principle and brutal in execution. The former population of Kuwait has every reason to detest the prospect of being ruled by a man who has imprisoned, tortured and killed so many opponents, and subjected Kurdish villages to gas attacks.”⁴²

O que existia, primeiramente, era um comprometimento em demarcar quais os interesses e os ganhos reais do Ocidente com o estopim de um conflito e a eliminação moral e física de seu “inimigo” – e aqui, o comportamento de um ditador sanguinário era transferido para a população iraquiana como um todo, tomada por não civilizada, inculta, ignorante e terrorista.⁴³ Ao exporem o espólio árabe como objetivo central da máquina de guerra Anglo-americana, desconstituíam igualmente os fáceis discursos que relacionavam terrorismo - guerra justa - democracia - Nova Ordem Mundial; de outra forma, colocavam em xeque o tipo de relação internacional mantido pelos EUA, coercitivo, imperial e regulador. Por fim, evidenciava ainda que:

It is the West’s thirst for cheap oil, fuelling an unsustainable and unequal pattern of consumption, which renders it suddenly sensitive to the viciously repressive character of a regime that, yesterday, it was arming against Iran. Problems on the home front gave Bush and Thatcher their own transparent political motives for taking up a belligerent stance.⁴⁴

A sensibilidade de ingleses e norte-americanos para com a defesa dos direitos humanos e civis contra a crueldade de Saddam Hussein, ironicamente, nascera num momento bastante propício, quando os “problemas em casa” requeriam os mais baixos preços do petróleo, de modo que seus elevados e insustentáveis padrões de consumo pudessem ser saciados. Para tal, não era tão incoerente agredir um país que alguns anos antes “it was arming against Iran”. Por isso mesmo, Noam Chomsky, intimamente enredado na discussão aberta na NLR, caracterizaria essa “nova ordem” de fluída e maleável, na medida em que a política de atuação das potências militarizadas se baseava não nas leis internacionais ou nas garantias universais

42 Themes. The Revenge of the Past [Editorial]. In: *New Left Review*, n. 184, nov./dez., 1990, p. 1. A Ação de Saddam Hussein foi errada em princípio e brutal em execução. A população do Kuwait tem muitas razões para detestar a perspectiva de ser governada por um homem que aprisionara, torturara e assassinara tantos oponentes, e submetera as vilas do Curdistão aos ataques de gás.

43 GOWAN, Peter Gowan. A Guerra do Golfo, o Iraque e o Liberalismo Ocidental. In: *A Roleta Global*. Uma aposta faustiana de Washington para a dominação do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2003, pp. 209 – 268.

44 Themes. The Revenge of the Past. In: *New Left Review*, n. 184, nov./dez., 1990, p. 1. Tradução: É sede do Ocidente por o petróleo barato, alimentando um padrão insustentável e desigual de consumo, que o torna, de repente, tão sensível ao caráter violentamente repressivo de um regime que, ontem, estava armando contra o Irã. Problemas na frente de casa deram a Bush e a Thatcher seus próprios motivos políticos transparentes para a tomada de uma postura beligerante.

do indivíduo (liberdade, igualdade e justiça), mas tão somente no balanço transitório das circunstâncias globais; sendo assim, era necessário armar-se e ir à guerra sempre que algum grupo se levantasse com pretensões nacionalistas ou emancipatórias que operassem na contramão de Washington. A esse tempo, Panamá, Nicarágua, Guatemala, Colômbia, entre outras nações, também foram invadidas, ocupadas e tiveram seus governos destituídos em prol de regimes convinentes com o poder americano.⁴⁵ Quando se tratava de Nova Ordem Mundial, o Ocidente não tinha vergonha de derramar sangue e muito menos de apelar para o cinismo que era a defesa da liberdade.

Diante de tal contexto, qual a validade das teorias triunfalistas de direita que se agarraram ao “fim da história” proposto por Fukuyama?

Sabemos que o filósofo nipo-estadunidense retomou seu artigo e tema em 1992, dessa vez fundamentando sua teoria nos filósofos de tradição ocidental, cuja gênese rememorava Platão e a ideia de *thymos*: o desejo pelo reconhecimento. Para sumarizar sua concepção de movimento da história, apresentamos um esboço do esquema traçado por Perry Anderson⁴⁶ ao ler *O Fim da História e o Último Homem*: 1º passo: desenvolvimento tecnológico funcionando o como o motor da história, aumentando os níveis de produção e satisfazendo os desejos humanos. 2º passo: sociedades mais avançadas dominam as menos avançadas econômica e militarmente, era a dialética do senhor - escravo. 3º passo: insatisfação humana, visto que, os senhores disputavam posições e privilégios com os demais senhores, ao passo que não reconheciam os escravizados como seres humanos. 4º passo: o desejo pelo reconhecimento – igualdade, autoestima e dignidade – dão vazão as revoluções liberais em sua vertente francesa e americana. É o grito pela democracia. O último passo era bastante previsível, a humanidade chegava a sua última etapa histórica – “a sociedade sem classes prevista por Marx e Engels” -, o estado democrático de direitos. Mas a conclusão não é menos arrebatadora: vencidos o absolutismo, o fascismo e, por último, o comunismo, esgotavam-se quaisquer alternativas globais ao liberalismo. O destino final de evolução da humanidade era o reconhecimento recíproco e universal, ou seja, o respeito entre as nações e a igualdade entre os indivíduos.

O conflito no Golfo, a escravização e dependência do Leste europeu, a generalização da pobreza e a xenofobia controvertidas na NLR são indícios de que os homens não haviam sido obscurecidos pela nuvem da filosofia liberal. Fato é que a *Review* se sentiu compelida a (re)encontrar Fukuyama, dessa vez, desconstituindo seu arcabouço teórico-conceitual. Ralph Miliband, Michael Rustin e Fred Halliday, foram os convidados para tal tarefa. Estes colaboradores, como uma voz coletiva, identificaram em Fukuyama uma bem arquitetada filosofia da história, traçando o movimento do mundo de forma unilinear, evolutiva e progressista, cujo resultado último era a perfeita união entre democracia e liberalismo econômico: por assim dizer, o capitalismo era o destino/segredo para o qual a humanidade caminhara desde seus primórdios.

A *New Left Review* retomaria outras vezes o debate com Fukuyama no decorrer dos anos 1990. A crise do Golfo permaneceria na agenda norte-americana e os editores foram obrigados a reabrir suas páginas dos anos 1990 quando, em 2003, o Iraque foi alvo de nova invasão. Os elos entre os dois movimentos não seriam em nada invisíveis. Contudo, em 1989, com o comunismo em declínio, a pauta do Golfo adquirira contornos singulares de contraposição a uma “nova ordem” que creditava o bem-estar da humanidade ao sucesso de uma “guerra justa”. Nessas condições, a intelectualidade engajada na revista fora constringida a desenvolver uma

45 CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996, pp. 11 – 108.

46 ANDERSON, Perry. *O fim da História*. De Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

investigação histórica capaz de desarticular as “justificações idealísticas” elaboradas com a pena do progresso de Bush. De repente, assaltados pelo triunfalismo de direita em face do desaparecimento da União Soviética, os editores encontraram uma conjuntura na qual deviam articular uma análise política que abrangesse o destino do Leste europeu, a reefervescência de animosidades étnicas em várias partes do globo, o programa “fim da história” de Fukuyama e a austeridade do capitalismo-imperialismo de via militar dos EUA. A crise do Golfo, tomada como expressão máxima de invalidade da “retórica do poder” de Washington, foi o tópico em discussão que repercutiu os muitos acontecimentos tumultuosos desse período. A *Review* se mostrava preparada para desenvolver argumentações teórico-práticas bem fundamentadas relativas a essas questões; resultado do comprometimento de intelectuais que, não derrotados pelo 1989-91, ainda tinham muito a dizer sobre o mundo em que viviam; inclusive que, a história não chegara ao seu fim e o capitalismo-imperialismo não poderia ser o último (e melhor) dos mundos possíveis.